

REFLEXOES SOBRE A METODOLOGIA DO ENSINO JURIDICO E A EPISTEMOLOGIA PREPARATÓRIA DA AÇÃO COMUNICATIVA MODERNA

*Regis Frota Araujo*¹

RESUMO

Este artigo busca aportar uma abordagem acerca de algumas reflexões sobre a Metodologia do Ensino do Direito, a partir das influências decorrentes, nas ciências modernas, das epistemologias cartesianas e empiristas. Faz-se, igualmente, um quadro comparativo mínimo, face ao saber dialético que o Ensino Jurídico mais contemporâneo tende a incorporar.

Palavras-chave

Metodologia do Ensino Jurídico. Saber cartesiano. Saber empirista.

ABSTRACT

This article intends to make an approach about some reflections from Law teaching methodology, since the influences into Modern Sciences, of the Cartesian and Empiristic epistemologies. It draws also one comparative amount in front of the dialectic knowledge that the juridic teaching incorporates.

Key-words

Teaching of Law methodology. Empiristic knowledge. Cartesian knowledge.

Pour que l'esprit gagne en sagacité, on doit lui donner de l'exercice en lui faisant chercher ce que les autres ont déjà trouvé, et en lui faisant examiner méthodiquement toutes les techniques humaines, même les plus insignifiantes, mais de préférence celles qui manifestent ou présupposent un ordre.

*Rene Descartes*²

¹ Professor do Mestrado em Direito da UFC. Doutor pela Universidade de Santiago de Compostela-Espanha. Presidente da AIADCE-Ass.Ibero-Americana de Direito Constitucional Econômico.

² DESCARTES, Rene. 'Règles pour la direction de l'esprit. In: Oeuvres philosophiques, Tome I, Paris: Garnier Frères, 1963, p. 126

1. INTRODUÇÃO

Por ocasião da ampla discussão do Plano Político Pedagógico – PPP, no âmbito dos diversos departamentos da Faculdade de Direito da UFC, ao largo do ano acadêmico de 2006, me dispus a escrever alguma reflexão sobre a Metodologia do Ensino Jurídico, a partir das influências recebidas pelas epistemologias cartesiana e empirista. Minha intenção é transmitir nossa contribuição pessoal à melhoria da qualidade do ensino (de disciplinas jurídicas) que é, indubitavelmente, o ponto prioritário e basilar do PPP de nossa Salamanca cearense, seja na pós-graduação, seja no quadro curricular da formação acadêmica.

2. POSIÇÃO EPISTEMETODOLÓGICA DA MODERNIDADE.

Todos sabemos que o caráter manipulador das ciências modernas tende a reduzir todo o saber- inclusive o jurídico- aos cânones experimentais. Um saber assim com caráter predominantemente tecnológico exalta a razão instrumental do ser humano, em detrimento das indagações filosóficas e éticas.

Com efeito, nossa postura metodológica – durante a produção deste artigo, pelo menos- consiste em traçar um panorama das idéias e teorias que concorreram para caracterizar a modernidade, na busca de um caminho através do qual se aproveitou o homem para dominar a natureza, fundamentar um saber legitimado, responsável, regrado. Na verdade, a metodologia científica em Ciências Sociais - cujo campo de incidência abrange, necessariamente, o relacionamento do poder e do direito com a ação comunicativa, objeto do presente ensaio -, carece de uma auto-consciência que se expressa por meio de sua fundamentação teórica. Destarte, pretendemos incursionar sobre as contribuições teóricas formuladas pelo empirismo, especialmente Francis Bacon, e pelo racionalismo, em especial, Descartes, de modo a configurar um painel comparativo entre a lógica advinda dessas correntes instrumentais do pensamento moderno e a lógica dialética enquanto saber que busca contextualizar-se, que busca descobrir uma totalidade concreta na qual se situam suas próprias descobertas.

Por outro lado, a temática da comunicação se integra no conjunto de investigações exercidas pelas Ciências Histórico-Hermenêuticas através da utilização da razão simbólica do homem.

Com efeito, tendo em vista que não existe vida humana sem interpretação, vive o homem num mundo simbólico.

Essa significação se transmite, primeiramente através da linguagem, cuja importância no mundo simbólico pode ser ressaltada como a instituição das instituições. A linguagem é essencialmente uma relação consigo, com a realidade, social: falar é falar com os outros, enfim, é uma mediação entre os homens. O renomado comunicólogo da Escola de Frankfurt, Juergen Habermas, para quem

a Sociologia se confunde com a teoria da **ação comunicativa**, considera que a ideologia do capitalismo tardio é aquela que reduz todo o saber aos cânones experimentais, ou seja, ao saber instrumental com interesse tecnológico e, conseqüente atrofia dos valores culturais, éticos e filosóficos.

Da ação humana instrumental á ação humana simbólica, contudo, reside grande distância senão uma certa dose de impossibilidade. Torna-se impossível reduzir a comunicação simbólica à ação instrumental do homem porquanto o falar é um agir de natureza própria, ou seja, revela o ato pelo qual , dois sujeitos se entendem sobre algo. Como assevera Manfredo Araujo de Oliveira “o dizer se transcende a si mesmo na medida em que se diz algo, isto é, revela o sentido de algo, refere-se, pois, essencialmente ao real, que é, assim, elevado ao nível do sentido”.³

Este sentido é sempre revelado a alguém.

Eis já uma diferença fundamental ou regra de diferenciação entre as civilizações clássicas e as da modernidade: enquanto aquelas se legitimavam pelas vias religiosas e políticas, as civilizações modernas buscam se legitimar pelas vias tecnológicas e científicas.

No entanto, cumpre-nos, nessa primeira abordagem do tema situar corretamente os horizontes científicos de nossa postura método-epistemológica da comunicação. Ao revisarmos os projetos metodológicos do saber racionalista cartesiano, bem como empirista baconiano, comparativamente ao projeto metodológico do saber dialético, tencionamos encarar a ciência não apenas como produto humano mas, igualmente, como atividade humana, ação do homem para compreender e mudar o mundo.

Com efeito, toda vida humana tem dois momentos fundamentais: o da construção e o da interpretação. O homem é um paradoxo, na medida em que se caracteriza, pois, por esses dois momentos, o da criação e o da negação, os quais, segundo Manfredo Oliveira⁴ se opõem tais dois momentos: o da criação e o da negação. Ele é ao mesmo tempo situado no tempo, inserido num determinado contexto, condicionado pela História, sendo essa situabilidade do ser humano uma condição de possibilidade de qualquer ação, lhe restando sempre, porem, a possibilidade de questionar-se acerca da validade desta realidade objetiva determinada. Surge ai o segundo momento da utilização da liberdade humana: o da criticidade ou negação pela vida interpretativa. Assim e que nenhuma totalidade concreta esgota o Homem.

O filósofo cearense Manfredo Oliveira analisa muito percucientemente essa condição paradoxal do homem: “Em cada totalidade concreta, em que se insere o homem, emergem algumas estruturas fundamentais, nas quais se

³ OLIVEIRA, Manfredo Araujo de. **A educação e os fundamentos antropológicos dos horizontes científicos** (Mimeografo), Fortaleza, 1989, p. 3

⁴ OLIVEIRA, op.cit. p. 4.

efetiva o processo de mediação entre homem e mundo: ele sempre se encontra relacionado com a natureza, que ele trabalha e com os outros homens, com os quais ele está em interação simbolicamente mediada e com os quais estabelece relações específicas.”⁵

Antes de partir para uma análise das condições de possibilidade da **praxis** comunicativa humana, torna-se imprescindível refletir sobre a passagem do saber clássico para a ciência moderna da natureza iniciada com os nominalistas medievais da fase mais recente e corporificada pelas contribuições método-epistemológicas cartesianas e baconianas -,no que essas correntes modernas da filosofia das ciências revolucionaram o modo de conceber o saber, como o de conceituar a própria natureza, com vistas a domá-lo.

Enquanto a ciência e o saber tradicionais - desde suas primeiras sistematizações feitas pelas obras aristotélicas -, se baseavam na intuição da sensibilidade ou do intelecto, o saber e as ciências modernas menosprezam a intuição sensível, sendo apontada como fonte de erro pelas concepções epistemológicas racionalistas, em especial por Descartes.

Mas, em que consistiu o projeto método-epistemológico do saber de René Descartes? É o que veremos, a seguir.

3. PROJETO METODOLÓGICO DE DESCARTES

O projeto metodológico do saber cartesiano representou um corte transversal no conhecimento moderno, uma verdadeira revolução epistemológica nos princípios do século XVII. Tendo vivido uma geração após Galileu, René Descartes já esteve mais inserido no contexto da modernidade caracterizado pela ascensão da burguesia, pelo capitalismo mercantil e desenvolvimento das cidades, cuja herança científica ligada por seu antecessor buscava se nortear pela certeza, pelo método e pela sistematização.

De fato, não se observara, fosse na antiguidade clássica ou no período medieval, tivesse se desenvolvido a metodologia científica.

A primeira grande contribuição do projeto metodológico do saber cartesiano se relaciona com suas reflexões sobre o papel do método. Para ele aí residia a essência ou a estrutura fundamental do conhecimento científico. Ou mais: a ciência, segundo René Descartes, não tem método, é método, Numa linguagem popperiana diria que o método é o princípio de demarcação do conhecimento científico. O método, assim, era tão importante para Descartes que em uma de suas obras, defende o caráter matemático do saber, ou seja, a determinação prévia do saber a partir unicamente da razão.

Descartes sonha com a possibilidade de conhecer os princípios de todo o real através de uma concepção unitária do saber.

⁵ Ibidem, p. 2.

Octave Hamelin assevera que,

si recordamos ahora que todo conocimiento consiste en la captación de naturalezas simples y en la formación de agregados de naturalezas simples, veremos todavía mejor como y por que el método cartesiano es en lo esencial un conjunto de procedimientos, casi de recetas, pero de recetas racionales e infalibles como la razón.⁶

O racionalismo cartesiano projeta a autonomia da razão para a manipulação do real. O caráter matemático do saber cartesiano se justifica, portanto, na medida de sua determinação previa a partir unicamente da razão. Nesse sentido, apura-se a auto-consciência do saber racionalista, cuja primeira distinção com o empirismo desponta já voltada, por quanto a visão global do real se estrutura tão somente a partir da razão humana, independentemente da experiência - matéria tão prioritária ao projeto gnosiológico baconiano, como se verá no próximo tópico.

O projeto do saber em Descartes assume desde cedo essa consciência de autonomia científica. Logo na primeira parte, Descartes afirma:

Assim, a pouco e pouco, libertava-me de muitos erros, que podem ofuscar a nossa luz natural e tornar-nos menos capazes de ouvir a razão. Mas, depois de assim ter dispendido alguns anos a estudar no livro do mundo e a procurar adquirir alguma experiência, tomei um dia a resolução de estudar também em mim próprio e de empregar todas as forças do meu espirito a escolher os caminhos que devia seguir.⁷

O método cartesiano busca, assim, estabelecer momentos do processo cognitivo: primeiro, a dúvida metódica e absoluta. Para Descartes, a ciência clássica carecia de cientificidade, posto que não tivera método, mostrara-se sem alicerce ou fundamento. E tendo em vista que o conhecimento, para Descartes, era absoluto, a dúvida deveria ser igualmente absoluta. Duvidada de tudo, menos que pensava, que duvidada. Pensar, para o criador do racionalismo metódico era sinônimo de auto-presença, de auto-posse, auto-percepção e auto-consciência. De conseqüência, o ideal do saber moderno era ter um juízo próprio, capaz de auto-legitimar-se pela reflexão de si mesmo. Assevera o autor do "Discurso":

E tendo notado que no **Eu penso, logo existo**, não há nada que me garanta que digo a verdade a não ser que vejo muito claramente que, para pensar, é preciso existir, julguei que podia tomar como regra geral que as coisas que concebemos muito clara e distintamente, são todas verdadeiras, havendo apenas alguma dificuldade em notar bem quais são as que concebemos distintamente⁸

⁶ HAMELIN, Octave. **El sistema de Descartes**. Tradução de Amalia Haydee Raggio. Buenos Aires: Losada, 1949, p. 79

⁷ DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1979, p. 48.

⁸ DESCARTES, Rene. Discours de la methode, quatrieme partie. In: **Oeuvres philosophiques** (1618-1637) Tome I. Paris: F. Alquié Paris, 1963, ps.604-605. No original: "Et ayant remarqué qu'il n'y a rien du tout en ceci: je pense, donc je suis, qui m'assure que je dis la verité, sinon que je vois très

Esse ideal do saber cartesiano se diferencia fundamentalmente do saber clássico cuja aceitação passiva de todas as coisas se fazia notar. Descartes busca com o emprego de seu método racional a neutralidade científica, um conhecimento sem pressupostos. Com o emprego da dedução, ou seja, aquela operação pela qual se entende tudo que se conclui ou infere necessariamente de outras coisas conhecidas com certeza, Descartes faz a explicitação do saber até a exaustão. O conhecimento verdadeiro e certo, destarte, se desenvolve de si mesmo num processo de atomização que parte do complexo ao simples. O método cartesiano perde, portanto, o elo de ligação ou a mediação recíproca tão cara à metodologia ou lógica dialética, por exemplo, segundo a qual deve-se partir, inversamente, do átomo ao todo, do simples ao complexo, à totalidade concreta.

Por outro lado, torna-se imprescindível ressaltar que a explicitação do saber cartesiano visa prioritariamente sua matematização. Com efeito, o saber para Descartes só é real se matematizado.

Assevera Manfredo Oliveira,

Para Descartes, o saber humano, para se livrar da incerteza da experiência sensível, deveria atingir uma proporção matemática, que possibilita ao espírito humano uma transposição de todos os dados numa forma a ele adequada. O que importa no saber são medidas comparáveis entre si. Mudam-se, com o saber moderno, as próprias categorias fundamentais, que constituem o fundamento do projeto científico, pois elas são a partir de então número, medida e peso⁹

O projeto metodológico do saber cartesiano pretendeu, de fato, obter uma universalização da matemática, criar uma matemática universal como medida de números e dados certos. A matemática passou assim a ser o objetivo último do saber moderno em substituição à busca incessante da ciência clássica pelo conhecimento da essência das coisas; a indagação clássica acerca “do que é” a ciência moderna substituiu com outra acerca do “quanto é”. A comparação de grandezas funcionava como parâmetro científico das novas descobertas, respondia a demandas de dominação da natureza pela ciência e estudiosos modernos.

O filósofo educador cearense Manfredo Oliveira captou mui acuradamente o sentido desse tipo de saber racionalista quando ponderou que “com este saber, o homem não só se fazia capaz de captar racionalmente a ordem da natureza, mas, sobretudo, adquiria possibilidade de intervir nela racionalmente, isto é, baseado no conhecimento de suas leis.”

clairement que, pour penser, il faut être: je jugeai que je pouvais prendre, pour règle generale, que les choses que nous concevons fort clairement et fort distinctement son toutes vraies; mais qu'il y a seulement quelque difficulté a bien remarquer quelles sont celles que nous concevons distinctement”.

⁹ OLIVEIRA, M. op. cit. p. 4.

E mais:

Assim se abre uma porta para uma apropriação prática do mundo cientificamente mediada. A teoria se faz enquanto possibilitação de uma manipulação prática do mundo natural. Neste contexto, a ciência emerge, pela primeira vez, na história do Ocidente, como essencialmente ligada ao círculo da ação instrumental, pela qual o homem manipula as coisas¹⁰

O projeto metodo-epistemológico de Descartes se caracterizava por aquele saber denominado por Max Scheller de “saber de dominação”, que se contrapôs ao ideal supremo do saber entre os gregos antigos consistente numa espécie de “**saber de contemplação**”. O aparecimento da ciência moderna deuse, portanto, com a maturidade do homem e da história; nesse sentido, René Descartes ter-se-ia antecipado em mais dois séculos do positivismo comteano que classificou os momentos da história humana em teológico, metafísico e positivo. A infância da humanidade, para Comte, teria se caracterizado pela prevalência da visão teológica, somente tendo sido superada pela caracterização metafísica posterior, à qual o positivismo moderno superaria. O que se pretende, contudo, ressaltar é a crença cartesiana na metodologia moderna capaz de provocar uma revolução no saber, catalizados, seja pelo racionalismo, seja pelo empirismo baconiano, em especial no tocante às preocupações modernas com o método, a partir de 1620.

Com efeito, a pesquisa metodológica é preocupação central dessas correntes modernas da filosofia das ciências, cujos elementos mais expressivos como Descartes e Bacon servem-nos de estudo comparativo. Octave Hamelin bem comentou que

en ese momento aparece el **Novum Organum** de Bacon; luego vienen, después del **Discours de Méthode, De emendatione intellectus** de Spinoza (con el cual hay que relacionar la **Medicina mentis de Tschirnhaus**), el **Art de Penser de Port Royal**, la **Recherche de la Verité de Malebranche**, sin contar los diversos opúsculos de Leibniz, consagrados también al mismo tema y que, a veces, hasta admiten palabra método en el título¹¹.

Apesar da tendência contemporânea às pesquisas cartesianas sobre o método, satisfaz-nos estabelecer uma comparação entre o racionalismo e o empirismo, cujo quadro sinótico (quadro número 1), adiante resumido, revela diferenças e aproximações inspiradas em Hans Albert, discípulo de Karl Popper, neo-empirista do Círculo de Viena.

¹⁰ OLIVEIRA, M. op. cit. p. 7

¹¹ HAMELIN, O. op. cit. p. 79.

QUADRO NÚMERO 1:

| TEORIAS | CARACTERÍSTICAS | |
|-------------------------------------|---|---|
| | RACIONALISMO | EMPIRISMO |
| 1. Conhecimento | Revelação da verdade | Idem |
| 2. Origem da revelação | A Razão | A experiência |
| 3. Quanto à autonomia | Metódico | Empirista |
| 4. Conteúdo e forma do conhecimento | Como deve ser conhecido (a forma e a estrutura) | No que deve ser conhecido (conteúdo experimental/ indutivo) |
| 5. Neutralidade Metódica | Sem pressupostos | Idem (Parte o conhecimento de zero absoluto). |

A mencionada pesquisa metodológica resultou numa epistemologia de dominação da natureza e das técnicas de comunicação, que os séculos posteriores conheceram de perto. Na verdade, o saber instrumental, advindo das reflexões cartesianas, se corporificou nos meios de comunicação de massa, desenvolvidos nos séculos XIX e XX, como uma mão na luva.

Os engenhos eletrônicos de comunicação que caracterizaram a presente Era, encontram sua origem tecnológica, precisamente, nas reflexões metodológicas de um Bacon e de um René Descartes, às quais incentivaram a pesquisa, a indução, a experimentação exaustiva em busca da verdade. A verdade, para Descartes, se confundia com a neutralidade científica. Para Francis Bacon, é objetiva.

Decididamente, sem a epistemologia-método cartesiana, a comunicação não teria evoluído de sua conceituação medieval encastelada para o dinamismo dialético dos meios de massa. Não fora a contribuição teórica cartesiana e baconiana, tão bem assimilada pela revolução industrial e revoluções democráticas dos três mais recentes séculos, os meios de comunicação não teriam atingido o estágio de operacionalização dos “**mass media**”.

Pelo visto, não obstante incluir o projeto metodológico cartesiano poucas reflexões acerca da comunicação e dos meios de comunicação, muito contribuiu aquele para o desenvolvimento destes, ao longo dos séculos posteriores à época seiscentista.

Esta a razão pela qual reflexionar sobre o projeto método-epistemológico

do saber cartesiano, comporta, no presente ensaio, a pertinência do estabelecimento do elo de ligação entre o velho e o novo, completa a relação dialética entre a comunicação antiga/medieval e o pensamento moderno.

O próximo tópico, a pesquisa baconiana face ao espírito comunicacional moderno, revela, inclusive, uma acurada premonição do filósofo seiscentista, ou seja, sua teoria dos ídolos afirma, segundo nosso juízo, com quatro séculos de antecedência em relação a Mashall McLuhan, que o **meio é a mensagem**.

Quais as bases teóricas do empirismo baconiano? Pois as veremos, à continuação.

4. MODELO DO CONHECIMENTO EMPIRICO.

Francis Bacon¹² não desconhece a inteligência dos antepassados. Tendo vivido de 1.561 a 1626, Bacon foi professor de Direito na *Gray's Inn*, onde ensinou que o problema do saber aristotélico advinha do método empregado pela filosofia grega clássica, falso método, segundo Bacon, impossibilitador de mostrar ou aclarar o caminho justo para o conhecimento da natureza. Consoante Bacon, os fins da ciência moderna seria conhecer o real e manipular o real. Daí a razão do insucesso do saber antigo, porquanto a finalidade da ciência antiga era tão somente contemplar o real, reduzindo a capacidade de manipulá-lo.

Do confronto com o método antigo, exposto por Aristóteles no seu "**Organon**", parte Bacon para a apresentação de um novo método científico, no "**Novum organum**". Logo, no capítulo XXXII, do livro I, Bacon afirma que "a glória dos antigos, como a dos demais, permanece intata, pois não se estabelecem comparações entre engenhos e capacidades, mas de métodos".¹³

Tanto a metodologia baconiana visava manipular o real, em oposição à mera contemplação que caracterizou os objetivos da metodologia aristotélica e de resto, à da antiguidade, que Bacon informa que, "a ciência e poder do homem coincidem (cap. III, livro 1), uma vez que, sendo a causa ignorada, frustra-se o efeito."¹⁴

O projeto do saber baconiano visa, portanto, fazer uma ciência que se justifique por si mesma, independentemente de seu caráter não epistemológico, mas tão somente pela praticidade que Bacon quer transpor à ciência que deseja

¹² BACON, Francis. **NOVUM ORGANUM ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza**. Tradução de José Aluysio Reis de Andrade. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

¹³ BACON, F. op. cit. p. 109.

¹⁴ *Ibidem*, p. 19. No original está assim, a referida citação, a continuação transcrito trecho mais completo: "The ancient authors and all others are left in undisputed possession of their honors; for we enter into no comparison of capacity or talent, but of method, and assume the part of a guide rather than of a critic.(...) Knowledge and human power are synonymous, since the ignorance of the cause frustates the effects".

construir: se distingue do pragmatismo típico da teoria dos sistemas e do funcionalismo americano dos dias correntes.

Por outro lado, o saber baconiano empirista vai interessar, de perto à comunicação e à metodologia do ensino jurídico, seja pela inspiração altamente experiencial que suscita, seja pela inauguração de um novo tempo, o moderno, que em muito se distingue do medieval e do clássico antigo, do período justiniano.

Os estudiosos de comunicação, bem como de Metodologia do Ensino Jurídico, por seu turno, têm se reportado à “**teoria dos ídolos**” como um dos aspectos mais interessantes e de permanente fascínio da filosofia baconiana. Com efeito, apesar da teoria dos ídolos não se constituir no cerne fundamental de seu pensamento metodológico, ou seja, a parte “construtiva” de suas proposições, sua mencionada teoria dos ídolos chama a atenção na medida em que se trata de uma postura preventiva do conhecimento justo, ou uma reflexão epistemológica de cura. Na expressão de Habermas, Bacon buscava uma ciência emancipatória, com a teoria dos ídolos, os quais, no dizer de Gaston Bachelard se constituíam em obstáculos epistemológicos à realização da ciência.

Mas, em que consistiam referidos ídolos, para Bacon?

Eram de quatro espécies: ídolos da tribo; da caverna; do foro e do teatro. Eram obstáculos naturais ao conhecimento humano, os dois primeiros; os restantes, óbices de perspectiva histórica.

Bacon resume: “São de quatro gêneros os ídolos que bloqueiam a mente humana. Para melhor apresentá-los, lhes assinamos nomes, a saber: ídolos da Tribo; ídolos da Caverna; Ídolos do Foro e Ídolos do teatro”¹⁵. Enquanto os dois primeiros ídolos diziam respeito à própria tendência humana ao erro, radicados na sua própria essência; os demais, ou seja, os ídolos do foro e do teatro relacionavam-se ao peso da linguagem e às disputas filosóficas, respectivamente.

Nesse particular afigura-se-nos, especialmente, intuitiva a reflexão baconiana, a ponto de podermos afirmar que o ídolo do foro prenuncia a tese McLuhaniana do meio confundir-se com a mensagem. Noutras palavras, ao reconhecer Bacon o peso da linguagem, a tirania das palavras, na comunicação, ao nível de fazer existir o inexistente, prenuncia, de certo modo, a tendência moderna dos meios eletrônicos de comunicação, onde, irrelevante mostra-se a mensagem. O **meio** é a **mensagem**, dirá McLuhan, alguns séculos após Bacon ter-se antecipado no reconhecimento do peso das palavras na comunicação.

Bacon, destarte, antecipou-se na análise da possibilidade das palavras exercerem uma **disfunção comunicativa** e **científica**. Senão vejamos o que afirma Bacon:

¹⁵ BACON, F. op. cit. 25.

Há também os ídolos provenientes, de certa forma, do inter-curso e da associação recíproca dos indivíduos do gênero humano entre si, a que chamamos de ídolos do foro devido ao comércio e consórcio entre os homens. Com efeito, os homens se associam graças ao discurso, e as palavras são cunhadas pelo vulgo. E as palavras, impostas de maneira imprópria e inepta, bloqueiam espantosamente o intelecto. Nem as definições, nem as explicações com que os homens doutos se munem e se defendem, em certos domínios, restituem as coisas ao seu lugar. Ao contrário, as palavras forçam o intelecto e o perturbam por completo. E os homens são, assim, arrastados a inúmeras e inúteis controvérsias e fantasias.¹⁶

A estrutura fundamental do conhecimento humano na perspectiva baconiana, portanto, se constitui na origem do universal, já que, para ele, a ciência é universal, embora se confunda este com o particular. Ou seja, a solução encontrada pelo empirismo baconiano rumo à neutralidade e objetividade foi reduzir o conhecimento ao registro regulado dos fatos, a uma relação entre as coisas, esquecendo, porém, as mediações do conhecimento. Eis uma das contradições fundamentais da epistemologia-método empirista: olvidar-se que, por trás de determinada coisa, há sempre um conjunto de relações e mediações e não, fatos isolados.

A metodologia dialética, por seu turno, especialmente a que se deve utilizar no ensino do Direito, superará tal contradição afirmando que o conhecimento integra uma totalidade processual.

Assim, enquanto para Bacon, o conhecimento é fruto da lógica indutiva, para Hegel e Marx o real será conhecido pelo emprego da lógica dialética: para aquele interessa estudar o fato isolado; para estes, todo fato tem mediações, remete a seu evento produtivo, histórico.

O quadro sintético-comparativo, adiante exposto, dá uma rápida medida das diferenças entre as metodologias empirista e dialética:

QUADRO NÚMERO 2:

| TEORIAS | EMPIRISTA | DIALÉTICA |
|-------------------|---|-------------------------|
| 1. A REALIDADE | O singular- o evidente- um fato-o aqui e agora | a totalidade processual |
| 2. O UNIVERSAL | exclui as diferenças | inclui as diferenças |
| 3. UM FATO FIXADO | o real | uma abstração. |

Como se vê, os processos de conhecimento dialético e empirista-baconiano se distinguem profundamente. Apesar da dialética não negar o empirismo, percebe que ele não segue o rumo da verdade, ficando só no princípio, fazendo

¹⁶ Ibidem, p. 28.

deste a própria finalidade da ciência. O próprio Marx reflete a evolução filosófica do idealismo quando reconhece que as categorias não são pura concepção mental e sim, as realidades expressas no pensamento. Já para a epistemologia empirista, o mundo se apresenta para ser passivamente conhecido pelos homens. O modelo do conhecimento apresentado, por Bacon, apesar das críticas que lhe foram formuladas, seja pelos não-empiristas das décadas de 1920 e 1930 (Karl Popper, Bertrand Russell, Rudolf Carnap, e demais componentes do **círculo de Viena**), seja pela dialética, como configurado no quadro sinótico retro exposto, se adequou perfeitamente como justificação para o desenvolvimento das comunicações modernas. O próprio Marx reconhece que o empirismo é criação do capitalismo. O Modelo empírico de reconhecimento e método inaugurado por Francis Bacon faz, portanto, a ligação do velho com o novo, liga as concepções clássicas de **contemplação do real** -típicas das filosofias aristotélicas e platônicas-, com as concepções de **dominação do real**, preparatórias da comunicação moderna, sobretudo em função da crescente importância que os meios e os veículos de comunicação desempenharão na mensagem contemporânea.

5. CONCLUSÃO

A ordem política moderna conhecerá a emergência da comunicação como **res juris** e, não apenas, fato social ou técnico, porquanto os engenhos eletrônicos de informação e comunicação de tal modo se sofisticaram, a partir do telégrafo sem fio que o Estado não mais pôde se omitir de regulamentar, de interferir ou intervir nesse campo. Seja com a introdução de normas jurídicas comunicacionais, tenha sido com mecanismos institucionais intervencionistas da parte do Estado, a nível constitucional, através da ordem econômica e social, certo é que impossível ficou para o poder público ignorar a grandiosidade dos avanços tecnológicos no território comunicacional.

Como vimos, portanto, o saber instrumental e empírico, que teve origem e sedimentação nos projetos epistemológicos de Descartes e Bacon, funcionou como uma preparação para a modernidade, aplainou as estradas que conduziriam a comunicação encastelada do período medieval e antigo para uma comunicação do tipo eletrônica e de massa, que o ocidente conheceu após a revolução industrial e ainda está a estudar, em pleno início do século XXI.

A assimilação da tecnologia apregoada pelos **métodos cartesiano e baconiano** traslada o homem do mundo comunicacional fechado para o mundo comunicacional aberto.

E adequando tais anteriores reflexões para o âmbito de avaliação do Plano Político Pedagógico, apresentado e aprovado pela Coordenação da Graduação em Direito da UFC, em 2006, nos indagamos se o ensino jurídico resultante da nova grade curricular proposta – com ênfase nos Direitos Fundamentais, e ressaltando a relevância de disciplinas relacionadas com o Direito Constitucional-, estaria, responsabilmente, apropriado para responder às demandas pós-modernas da autopsia do Direito, no início deste novo milênio.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACON, Francis. **NOVUM ORGANUM ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza**. Tradução de José Aluysio Reis de Andrade. Coleção os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973

DESCARTES, René. DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1979

_____. Discours de la methode, quatrieme partie. In: **Oeuvres philosophiques (1618-1637)**. Tome I. Paris: F. Alquié, 1963, p.604-605.

_____. 'Règles pour la direction de l'esprit. In: **Oeuvres philosophiques**, Tome I, Paris: Garnier Frères, 1963.

HAMELIN, Octave. **El sistema de Descartes**. Tradução de Amalia Haydee Raggio. Buenos Aires: Losada, 1949.

OLIVEIRA, Manfredo. **A educação e os fundamentos antropológicos dos horizontes científicos**. (Mimeografado), Fortaleza, 1989.